

MULHER PRETA E O ENFRENTAMENTO AOS MARCADORES INTERSECCIONAIS

SAMIO CASSIO DA SILVA RAMOS¹
PAULO ROBERTO NOGUEIRA SILVA²

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a história e a trajetória de uma mulher preta, mãe solteira, de perfil sócio econômico baixo, a senhora Maria do Carmo Santos da Silva. Portanto, os objetivos específicos são respectivamente: analisar os conceitos de racismo estrutural, interseccionalidade, solidão e maternidade da mulher negra. Trata-se de uma pesquisa social-qualitativa, baseada na micro história, embasada na metodologia bibliográfica e também na História Oral (relatos orais), com entrevistas de colaboradores. Este trabalho justifica-se por um direito de reconstituição das memórias e do registro de um documento formal dessa mulher, para não cair no esquecimento, pois conta a história de uma pessoa oriunda das classes populares, mas destemida no sentido mais ávido da palavra, a qual foi uma das fundadoras do bairro São José Operário, participando da ocupação da antiga área da qual pertencia ao Colégio Estadual de Ipiaú-BA, hoje o bairro São José Operário. A sua luta foi para conseguir a casa própria para criar seus filhos. Questiona-se o racismo estrutural, a solidão da mulher negra e o duplo papel por ela desempenhado na condição de ser pai e mãe ao mesmo tempo e também de provedora de sua família, para tanto, criando formas de resistência.

Palavras-chaves: Interseccionalidade; Racismo estrutural; Mulher negra; Mãe solteira.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os conceitos de racismo estrutural e Interseccionalidade vêm sendo debatidos com muita frequência no meio acadêmico, principalmente por teóricas e ativistas dos movimentos negros do Brasil e dos Estados Unidos. Desse modo, buscando compreender as múltiplas formas de opressões que recaem principalmente sobre pessoas etnicamente negras, indígenas e de outros grupos étnicos. Esses sujeitos são aliados dos espaços econômicos, jurídicos e políticos, dentre outros. Desse jeito, é legitimado no sentido mais lato da palavra o conceito de exclusão de pessoas não brancas e de outras minorias.

Collins (2021, p. 19) relata que “o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica significa que ela pode assumir diferentes formas, pois atende a uma gama de problemas sociais”. Nessa perspectiva, surge a pergunta: a

¹Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia – Unidade Acadêmica de Educação a Distância – Universidade Aberta do Brasil (UNEB/UNEAD/UAB) polo de Ipiaú-BA. E-mail: samioipiau@hotmail.com

² Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor da Escola Municipal José Simões de Carvalho (EMJSC) E-mail: pnogueirasilva@yahoo.com.br

condição de mulher negra estabelecida na imagem de submissão seria um marcador das heranças históricas arraigadas oriundas do processo de colonização do Brasil?

Este texto problematiza as múltiplas opressões interseccionais que vitimizam majoritariamente as mulheres negras, em uma sociedade branca machista, patriarcal, eurocêntrica e misógina, onde mães solteiras sofrem com os preconceitos por parte de uma falsa moral judaica cristã. Ademais, elas são culpabilizadas por sua gravidez, de modo que muitas delas arcam com todas as obrigações sozinhas, em decorrência do sumiço de seus parceiros.

Portanto, sem apoio financeiro e afetivo, conseqüentemente muitas mães recorrem à justiça para receberem a pensão alimentícia³ e a atenção afetiva por parte dos genitores dos seus filhos/as. "Mãe solo vem sofrendo historicamente com o preconceito por não estar inserida em uma relação conjugal, atendendo aos padrões impostos pela sociedade, de outro o abandono paterno parece ser natural" (BORGES, 2020, p. 10).

Portanto, o objetivo geral parte por um anseio em documentar academicamente a história e a trajetória de Maria do Carmo Santos da Silva, mulher negra, mãe, trabalhadora e funcionária pública no município de Ipiatú-BA. Com isso em vista, os objetivos específicos são: analisar respectivamente os conceitos de racismo estrutural, interseccionalidade, solidão e maternidade da mulher negra. Crenshaw (2002) pontua que:

[...] A Interseccionalidade ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Desse modo, concordamos com Crenshaw (2002) em relação à presença do racismo e do patriarcado, sobretudo na sociedade brasileira, criando, por conseguinte, muitas desigualdades e a opressão das classes menos favorecidas. O presente texto utiliza-se das seguintes metodologias: Pesquisa qualitativa,

³ Art. 1.700. A obrigação de prestar alimentos transmite-se aos herdeiros do devedor, na forma do art. 1.694. Art. 1.705. Para obter alimentos, o filho havido fora do casamento pode acionar o genitor, sendo facultado ao juiz determinar, a pedido de qualquer das partes, que a ação se processe em segredo de justiça. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm#art1694>. Acesso: 24/09/2022.

bibliográfica e História Oral (relatos orais) com entrevistas de colaboradores. Desse modo, visamos colocar em evidência a pessoa de Maria do Carmo Santos da Silva. Chegamos à conclusão que os objetivos expostos foram atendidos, respondendo os questionamentos que evidenciaram as problemáticas envolvendo raça, classe e gênero, ou seja, o racismo estrutural e a interseccionalidade.

A MULHER NEGRA E OS MARCADORES SOCIOECONÔMICOS: PERIFÉRICA, MULHER PRETA E MÃE POBRE

O presente trabalho bibliográfico analisa, em uma perspectiva teórica e interpretativa, a trajetória e história de vida da senhora Maria do Carmo Santos da Silva (Carminha). Antes de descrever a origem da pesquisada, vale destacar algumas informações socioeconômicas, uma vez que a região era exponencialmente próspera devido às riquezas advindas da lavoura cacauzeira.

Durante o período de 1930 a 1980, a lavoura cacauzeira alcançara o seu apogeu, tanto na produção como nos preços. A região foi marcada pelo dinamismo econômico e pelo crescimento populacional; foi um período de muita riqueza e distorções sociais (ROCHA, 2005, p. 5).

Em contraste, família de lavradores, como os pais de Maria do Carmo, viviam às margens das riquezas geradas pelos pés de cacau. Maria do Carmo era filha de Maria Souza dos Santos e Antônio Araújo da Silva, nascida em 23 de novembro de 1955, em Ibirataia-BA⁴, localidade pertencente a Ipiaú-BA naquela época. Faleceu em sua residência aos 66 anos, às 00:00 horas do dia 31/07/2022, na cidade de Ipiaú-BA.

Maria do Carmo era conhecida em Ipiaú como Carminha da delegacia. Ela foi uma mulher atravessada por marcadores interseccionais: mulher preta, mãe solteira e de perfil socioeconômico de baixa renda. Segundo relatos de familiares, a pesquisada guardava em sua memória informações traumáticas da sua infância, das quais ela gostaria de não ter vivenciado, como as brigas entre seus pais. Esses fatos também marcaram as memórias dos seus quatro irmãos e duas irmãs, exceto a mais jovem, as outras pessoas já faleceram.

⁴ Em 1950, Ipiaú figurava com os distritos de Barra do Rocha, Ibirataia e Ubatã, além da sede. Em 1952, a Lei estadual n.º 514 elevou o distrito de Ubatã à categoria de Município; em 1953, foi criado o distrito de Algodão. Segundo o quadro administrativo vigente, em 1º de janeiro de 1958, Ipiaú compõe-se das seguintes unidades: Ipiaú, Algodão, Barra do Rocha e Ibirataia.

Na perspectiva em que a memória é uma construção coletiva, social e afetiva, a memória é um dos principais mecanismo do cérebro humano, no qual são depositadas informações do passado, sejam recordações boas ou ruins". "A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas" (LE GOFF, 1990, p. 423).

A colaboradora 01 relata que:

Houve muitos momentos de felicidades na vida de Ninha na infância, outros nem tanto, nós a chamávamos assim. Pescávamos nos Rios de Contas e Água Branca por diversão; na juventude preferia ser amiga de homens, não confiava em meninas, e dizia que elas eram falsas [risos]. Talvez por causa dos namoradinhos, nossos ais iam trabalhar na zona rural, ela quem cuidava de nós, os mais novos. Depois da separação de nossos pais, nos tornamos uma família de feirantes na nossa infância; moramos na Rua Walter Hollenweger, antiga Batateira.

Outra situação marcante por toda sua vida foi não ter conseguido dar continuidade aos estudos. Além dos quatro filhos e um adotivo (sobrinho), cuidou de sua irmã e de um irmão, os quais tiveram problemas mentais. A história de Maria do Carmo foi composta por muitas batalhas, porém, ela venceu todas. Ela trabalhou como doméstica, feirante, no serviço público, complexo policial, creches e na garagem do município de Ipiaú. Carminha sabia ler e escrever perfeitamente, porém não conseguiu ingressar no ensino fundamental II. Naquele tempo, apenas existia o Colégio Rio Novo, o qual ofertava ensino médio, mas como o colégio era privado, era preciso que os pais fossem pedir uma bolsa de estudos para o saudoso Dr. Salvador da Mata⁵, o qual era o diretor da instituição. Ela tinha uma grande tristeza por ter tido que parar os estudos tão cedo.

O colaborador 02 destaca:

Mainha era extremamente bondosa, acolhedora e cuidadosa. Minha mãe, carregou lenha na cabeça, água e também trabalhou como doméstica, feirante e funcionária pública: no complexo policial, no apoio, como escrevia e lia bem, passou a auxiliar os escrivães em muitos momentos registrando as queixas, foi querida por agentes policiais, delegados(as) e pelos presidiários. muitas vezes ela conseguia livrá-los de agressões cometidas por seus colegas. Finalmente, ela teve orgulho da criação que

⁵ Salvador da Matta (17/04/1955 14/04/1959 e 1971-1973). Natural de Catú foi um dos maiores intelectuais da região. Homem culto, formou-se em medicina pela Universidade Federal da Bahia com apenas 22 anos de idade, em 1937. No ano seguinte instala-se em Rio Novo passando a exercer a sua profissão. Em 1950 fundou o Ginásio de Rio Novo, marcando uma nova fase na educação do município. <https://giroemipiau1.com.br/2012/11/26/os-prefeitos-de-ipiau/>

nos proporcionou e dos cidadãos que nos tornamos, sinto muito a sua falta. Em 1980, aos 24 anos, ela juntamente com Adenor dos Reis Soares⁶, “Leia do MST” e Senhora etc., ocuparam a área que hoje é o bairro São José Operário. Todo esse engajamento tinha como objetivo adquirir um teto para nós, ela cumpriu sua missão com louvor. Suas atividades laborais: doméstica, feirante, servidora pública de 1987 a 2008; para além da delegacia de polícia, prestou serviços na garagem municipal, no Colégio Celestina Bittencourt, creche e Lícia Andrade.

Na narrativa do colaborador 02 (um de seus filhos) fica evidenciado que Maria do Carmo Santos da Silva exerceu várias atividades laborativas para prover o seu sustento e também de seus filhos, criando dessa maneira formas de resistência.

CASTRO (2022) relata que:

[...] Carminha ela tinha 66 anos e protagonizou uma história de luta e resistência. Preta, pobre e mãe solteira, bateu de frente com o sistema e venceu muitas batalhas para sobreviver e criar seus quatro filhos e um sobrinho. Esteve com Adenor dos Reis Soares na ocupação da área pública que se tornou no Bairro da Invasão, hoje São José Operário. Demarcou o terreno, ergueu seu lar, seu teto (CASTRO, 2022).

Todos os seus esforços resultaram em bons frutos, por exemplo, filhos honestos, três deles lhes deram a alegria de se tornarem acadêmicos, três netas e um neto acadêmicos (Fisioterapia, Enfermagem, Psicologia e Matemática).

O CAPITALISMO E A EXCLUSÃO DA MULHER NEGRA

O sistema capitalista retroalimenta o racismo estrutural. Desse modo, os sujeitos são hierarquizados como fruto do capitalismo e da família de modelo patriarcal, branca e eurocêntrica, demarcando dessa maneira a divisão de classes de pessoas específicas. A partir desses marcadores, como pretos(as), indígenas e ciganos, esses sujeitos são historicamente preteridos de espaços de direito, como os espaços políticos, econômicos e jurídicos, logo, caracterizando o racismo estrutural.

“Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas” (ALMEIDA, 2019, p. 33). Concordando

⁶ Adenor foi muito além da vida política. Líder do Movimento Sem-Teto no município, fez parte do candomblé de Ketu e Jeje, e também foi católico, demonstrando ser um sujeito com uma dupla pertença. <<https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/51236>>. Acesso: 24/09/2022.

com Almeida, essas mudanças são provocadas nas relações sociais, políticas e sobretudo econômicas que ocorrem no Brasil. Historicamente, mulheres negras⁷ exercem as funções mais fundamentais para manutenção do bem-estar social, como o serviço doméstico, sem o qual nenhuma família conseguira sobreviver. Dessa maneira, é de crucial importância a valorização dessas trabalhadoras para que elas tenham acesso a melhores salários e à educação formal que são ferramentas de transformação social.

O capitalismo dividiu as pessoas em raça, gênero e classe, potencializando o racismo nas suas mais variadas dimensões. Desse modo, pessoas específicas, como as etnicamente negras e indígenas foram segregadas dos direitos socioeconômicos. Nesse contexto de exclusão hierárquica, as principais vítimas desse processo são as mulheres pretas. De acordo com Hooks (2022):

[...] pessoas brancas criaram uma hierarquia social baseada em raça e sexo que posicionou homens brancos em primeiro lugar, mulheres brancas em segundo, apesar de as vezes serem colocadas na mesma posição dos homens negros, que estavam em terceiro lugar, e as mulheres negras eram as últimas. (HOOKS, 2022, p. 93).

MULHER NEGRA E A NEGAÇÃO DAS EMOÇÕES FEMININAS

Desde o período escravocrata, mulheres da diáspora africana⁸ tiveram suas emoções, fragilidades, subjetividades, sonhos, afetos e humanidades subtraídas pelo sistema opressor, patriarcal, machista e misógino. Áreas sensíveis da cognição da mulher e a força de trabalho são cooptadas desde esse período histórico, pois elas eram os alvos dos escravocratas. Por último, tiveram seus corpos negros violentados por homens que pertenciam às classes hegemônicas.

A conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com

⁷ Do total de 4,5 milhões de trabalhadoras, três milhões são negras, ou seja, 67% do total. A informalidade também é um dado importante: 75% dessas mulheres não têm carteira assinada. A renda média mensal caiu de R\$924,00, em 2019, para R\$876,00, em 2020, valor abaixo do salário mínimo na época, que era de R\$1045,00. Além disso, a média de horas trabalhadas, que é de 52 horas semanais, tem diferenças entre mulheres negras e não negras: na região Norte, por exemplo, enquanto uma trabalhadora negra tem uma jornada de 51 horas semanais, a de uma trabalhadora não negra é de 49 horas semanais. <<https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ccsh/2022/04/29/trabalhadoras-domesticas-lutam-por-direitos-ha-mais-de-80-anos/>>. Acesso: 24/09/2022.

⁸ A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. <<https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>>. Acesso: 24/09/2022.

danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em menor índice de casamento; e sobretudo no confinamento nas ocupações prestígio e remuneração (CARNEIRO, 2011, p.127).

As mulheres negras são historicamente preteridas afetivamente por seus companheiros. São abandonadas, desse modo, elas abdicam de suas felicidades para viverem para os filhos e filhas. “O percurso feito pelo ‘racismo’ para efetivar e propagar a não-afetividade de mulheres negras. Para o homem negro, que também é vítima das estruturações do racismo, há outras vias de acesso, e quase sempre, é a competição pelo afeto das não negras” (SOUZA, 2019, p. 9).

As classes dominantes, desde o período colonial, impuseram seus padrões de beleza, universalidade e inteligência, mediante o exposto, sujeitos historicamente discriminados passaram a desejar o mundo dos brancos. Para Fanon (2008), “homens e mulheres necessitam definir quais meios encontraram para a superação do sentimento de inferioridade, conseqüentemente da desalienação mental, isto é, a renúncia do desejo latente pelo mundo dos brancos”.

São nítidos os resquícios da escravidão na contemporaneidade, mulheres negras carregam intersecções desde o período colonial. São as mais exploradas nos setores de trabalho, principalmente em atividades laborais não valorizadas no Brasil, como serviços gerais e domésticos. Elas são menos requisitadas do que colegas não negras, mesmo ocupando as mesmas funções, para além disso, ainda são objetificadas, sendo abusadas sexualmente. Portanto, é preciso que toda a sociedade se conscientize para combater o racismo estrutural, o qual permanece na sociedade brasileira. Segundo Davis (2016):

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob ameaça do açoite eram mais relevantes que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual [...] A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero. (DAVIS, 2016, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esta pesquisa, buscamos a compreensão dos conceitos de interseccionalidade e racismo estrutural, e quais caminhos percorridos por uma mulher negra, pobre e mãe solteira foram traçados para conseguir enfrentar bravamente as injustiças sociorraciais, para criar e educar seus cinco filhos sozinha.

Em vista disso, o objetivo geral foi a documentação acadêmica de uma cidadã que com galhardia venceu as batalhas da vida. O objetivo geral partiu por um anseio em documentar academicamente a história e a trajetória de Maria do Carmo Santos da Silva, mulher negra, mãe, trabalhadora e funcionária pública no município de Ipiaú-BA. Os resultados e as hipóteses aos quais chegamos, através dos dados coletados, é que: se na época da juventude de Maria do Carmo existissem políticas como as cotas raciais para o ingresso no mercado de trabalho e no ensino superior, com certeza ela teria ido mais longe na sua trajetória de vida.

Espera-se que as próximas gerações de mulheres negra não encontrem tantas barreiras impostas pelo racismo estrutural, o qual as coloca em desvantagem na corrida por direitos socioeconômicos. Por fim, deve-se recorrer à implementação de políticas públicas e leis mais severas para coibir o racismo estrutural e os marcadores interseccionais que vitimizam as mulheres negras.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019. 264 p. (Feminismo plurais/ coordenação de Djamilia Ribeiro).

BORGES, Lize. **Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina**. Revista Direito e Sexualidade n. 1 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil** / Sueli Carneiro-São Paulo: selo negro, 2011.

CASTRO, José Américo. **Giro em Ipiaú**. Acesso em: <<https://giroemipiau1.com.br>>. Acesso em: 24/09/2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo. Disponível: <http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf>. Acesso em: 24/09/2022.

CRENSHAW, W. Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos feministas, Ano 10, primeiro semestre, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 24/09/2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Editora UNICAMP: 7ª edição revista SP, 1924. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso: 24/09/2022.

ROCHA, Joallan Cardim. **A trajetória da reforma agrária no município de Ipiaú:** de Euclides Neto ao MST. Salvador: Semana de Mobilização Científica (SEMOC) - UFBA, 2005.

SOUZA, Luana Franciele Miranda. **Uma Questão de Cor:** mulheres negras, representações e afetividade. XV Enecult, Salvador, 2019. Disponível em: <<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111726.pdf>>. Acesso em: 24/09/2022.